

PATRIMÓNIO NATURAL



PATRIM
NATUR

MONIO AL



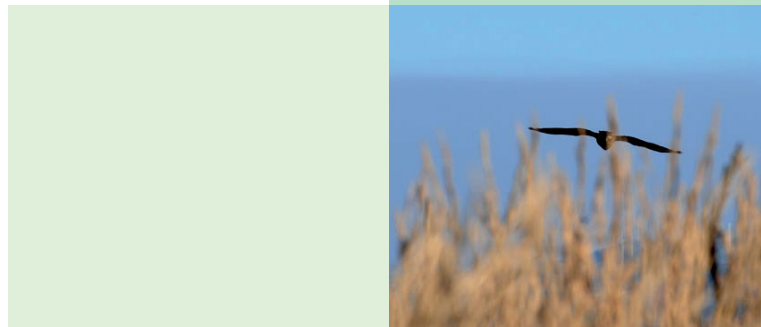
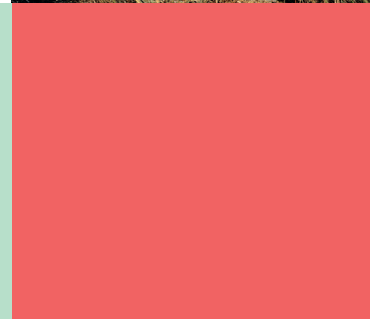
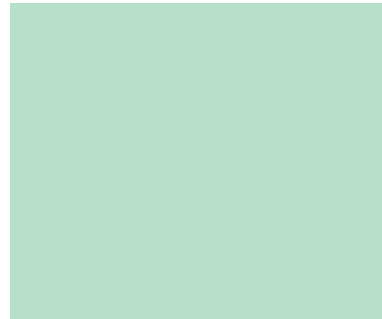




PATRIMÓNIO NATURAL

Os concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses localizam-se no território do Baixo Tâmega, nas proximidades da confluência do rio Tâmega com o rio Douro e incluem a serra da Abovoreira e do Castelo como continuidade da Serra do Marão e Alvão. Esta localização contribui para as condições naturais influenciadas pelos alinhamentos montanhosos que constituem a barreira de condensação do Noroeste Português, a Sul e Norte do rio Douro. A posição geográfica, a geologia, o relevo e a própria paisagem contribuem para as características deste espaço de transição entre a amenidade do Entre Douro e Minho, o carácter mediterrânico do Douro Vinhateiro com o rigor dos

espaços interiores que apresentam continuidade com o Vale do Douro e as áreas de maior altitude. A diversidade das condições naturais e a riqueza em recursos naturais favoreceu uma ocupação humana milenar desde a pré-história, e segundo diferentes padrões, até à atualidade.







GEOLOGIA E GEODIVERSIDADE

O complexo montanhoso Alvão-Marão-Aboboreira fica localizado na Zona Centro-Ibérica, uma das zonas geotectónicas constituída por rochas graníticas e metassedimentares, sendo os granitos fortemente dominantes. Em simultâneo, verifica-se a ocorrência de filões de aplitopegmatitos e quartzo, e aluviões predominantemente silto-argilosos localizados na parte inferior dos pequenos vales onde correm os ribeiros afluentes e o próprio rio Tâmega.

Pedra de Sol é um batólito granítico isolado, que por ter essa característica, funciona naturalmente como um relógio de sol.

Ao longo da História, as estruturas de defesa, e mesmo as de habitação, sempre se adaptaram às características da geodiversidade, quer no que diz respeito à escolha do local da sua implantação, quer relativamente à disponibilidade de matéria-prima adequada para a sua construção. Por vezes, as construções tradicionais utilizam da melhor forma as rochas que afloram na região, e por isso, o património construído é um excelente

“espelho” da geodiversidade local.

No topo aplanado da Serra da Aboboreira, destacam inúmeras formas graníticas, em que se destacam os tors. É possível identificar, em ambas as vertentes da serra (a ocidental e a oriental), uma sequência de rechãs situadas a diferente altitude, associadas a um conjunto de falhas paralelas, que se identificam de forma mais clara na encosta sobranceira ao vale do rio Ovil.

As serras graníticas da Aboboreira e do Castelo têm como pontos de principal interesse, em termos de geomorfologia de paisagem, os caos de blocos resultantes do desmantelamento de Tors.







HIDROGRAFIA E HIDROLOGIA

Os cursos de água da região constituem ecossistemas dulciaquícolas com extrema importância na manutenção e regulação dos fluxos de massa e energia, em particular de água e nutrientes, além de promoverem os ciclos produtivos primários e, neste sentido, a diversidade biológica.

A variabilidade de formas geomorfológicas fluviais encontradas nesta região relaciona-se com a dinâmica e a mecânica dos fluxos do rio Tâmega e pressupõe a interferência de alguns fatores físicos locais.

Nas áreas de maior altitude do território dos concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses é possível encontrar linhas de água, algumas de caudal temporário, com leitos abruptos e regimes torrenciais, não propícios à formação de solos marginais profundos. Nos troços médios e inferiores dos cursos de água com margens estáveis ou localizados em zonas de planície com deposição aluvionar, os mosaicos de vegetação incluem as formações ripícolas arbóreas, que chegam a

constituir florestas-galeria de estrutura linear e contínua.

Nas Serras da Aboboreira, do Castelo e do Marão, os cursos de água caracterizam-se pelo vigor do encaixe da rede hidrográfica nas paisagens montanhosas, que apresentam uma erosão fluvial relativamente linear.





BIODIVERSIDADE E OS ECOSISTEMAS TERRESTRES



As florestas autóctones que outrora cobriram grande parte do Norte de Portugal encontram-se atualmente confinadas a zonas marginais, tendo uma pequena expressão no conjunto dos territórios do Baixo Tâmega. Apesar de ser um território de pequena dimensão, esta região apresenta uma grande diversidade de ecossistemas florestais, fruto das diferentes condições climáticas e edáficas e dos variados modelos de gestão. Entre os tipos de ecossistemas florestais mais conspícuos no território, encontram-se os carvalhais, os amieais e alguns bosques secundários, e ainda os povoamentos florestais de castanheiro, pinheiro ou eucalipto e manchas de espécies exóticas invasoras, especialmente acácias.

Os ecossistemas florestais, e em particular os carvalhais, são os ecossistemas mais ricos em termos de diversidade de macrofungos, líquenes e briófitas.

Os macrofungos, por serem altamente especializados no que diz respeito à espécie florestal com a



qual estabelecem associações micorrízicas, podem ser associados com elevada fidelidade a cada um dos principais tipos de povoamentos florestais, apesar da sazonalidade e do carácter esporádico que caracteriza a sua frutificação. Os carvalhais de carvalho-alvarinho e carvalho-negral, pela sua extensão no território, pelo seu grau de adaptação e pela sua capacidade de regeneração, constituem um dos micótopos mais importantes da Serra da Aboboreira e áreas envolventes no Baixo Tâmega. Outras florestas de caducifólias presentes no território possuem também grande interesse do ponto de vista dos macrofungos. Os bidoais e os choupais, típicos dos locais mais húmidos, albergam espécies comestíveis tradicionalmente muito apreciadas pelas populações pelos aficionados da micologia. Por outro lado, os choupos apresentam frequentemente cogumelos de duas espécies saprófitas de elevado valor gastronómico e social, o cogumelo-ostrea (*Pleurotus ostreatus*), e as repolgas (*Agrocybe aegerita*).





Na região do Baixo Tâmega, e em particular nos carvalhais menos perturbados da Serra da Aboboreira, a comunidade típica dos bosques de caducifólias pertence a um tipo de comunidades epifíticas rico em líquenes, característico dos bosques originais da Europa (*Lobarion pulmonariae*). Esta comunidade está representada por um elevado número de espécies singulares, desde líquenes de grande dimensão como *Lobaria pulmonária*.

L. amplissima, *L. scrobiculata*, *Peltigera colina* e *Nephroma laevigatum*, até aos mais discretos como *Sticta limbata*, *S. fuliginosa*, *Degelia plumbea* e *Fuscopannaria mediterranea*, que surgem menos representadas sempre que existe um histórico de incêndios mais intenso ou poluição e fragmentação dos habitats florestais.

Os matagais, matos e ambientes rochosos são as formações com maior expressão em termos de ocupação de solo na paisagem serrana. Desde a Idade Média e durante centenas de anos este tipo de paisagem tem sido dominante em grande parte da Península Ibérica, nomeadamente no que se refere aos matos rasteiros e aos ambientes rochosos, favorecidos pela pastorícia e pelo uso recorrente do fogo como ferramentas de gestão da paisagem. Atualmente, são os matagais que se encontram em expansão em muitas áreas serranas, devido prin-

cipalmente ao abandono da atividade agrícola e pastoril, sendo possível encontrar extensas áreas de giestal e codessal junto a zonas agrícolas. No Baixo Tâmega, esta vegetação arbustiva alta é dominada pela giesta-negral (*Cytisus striatus*) e pelo codesso (*Adenocarpus lainzii*), incorporando tipicamente alguns exemplares arbustivos de carvalhos.

Os matos mais comuns no território são típicos de ambientes secos e são dominados por arbustos de pequeno porte pertencendo na sua maioria à família botânica das Ericáceas, como as urzes (*Erica umbellata*, *Erica cinerea* e *Calluna vulgaris*), e das Leguminosas, como os tojos (*Ulex europaeus* subsp. *latebracteatus*, *Ulex minor*).







AGRICULTURA E A PAISAGEM AGRÍCOLA

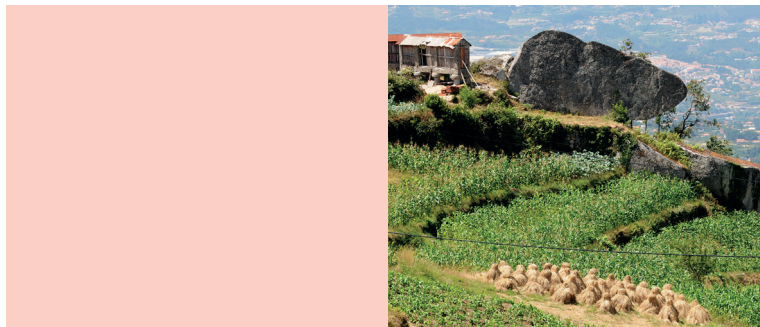
Desde tempos remotos que a floresta, a agricultura e a pastorícia são elementos sempre presentes não só na paisagem, mas também na organização social e económica deste espaço rural. A agricultura caracteriza-se por uma estrutura minifundiária e parcelada da propriedade, com um modelo predominantemente familiar e policultural das explorações, pouco capitalizado, recorrendo a técnicas tradicionais, com marcada valorização dos recursos endógenos e uma incipiente componente mercantil.

Os sistemas agrícolas surgem no território num mosaico paisagístico onde se inter-relacionam pastagens ancestrais, sistemas policulturais baseados na sucessão milho-azevém, centeio, hortas e culturas arbóreo-arbustivas. Nestes mosaicos, os animais apresentam-se como um elemento chave dos fluxos de matéria e genes entre os componentes do sistema. Nas zonas mais altas e declivosas do território predominam os sistemas agro-florestais na modalidade silvo-pastoril, com

a produção de gado em regime extensivo.

Estes sistemas agrícolas refletem uma prolongada intervenção humana para progressivamente adaptar terra de condições ecológicas adversas ao cultivo, em fonte de alimentos e outros bens necessários às suas populações.

Os cogumelos silvestres comestíveis, abundantes nos espaços florestais da Serra da Aboboreira, são um recurso em crescente valorização. As espécies de cogumelos mais comuns são: o *Boletus edulis* (Boleto), conhecido por “Cepe de Bordéus”, o *Macrolepiota procera* (ou *Lepiota procera*), conhecido por “agasalho” ou “tortulho”, que é o maior dos cogumelos comestíveis, e o *Tricholoma equestre*, ou míscolo-amarelo, que é o cogumelo silvestre tradicionalmente consumido na região.



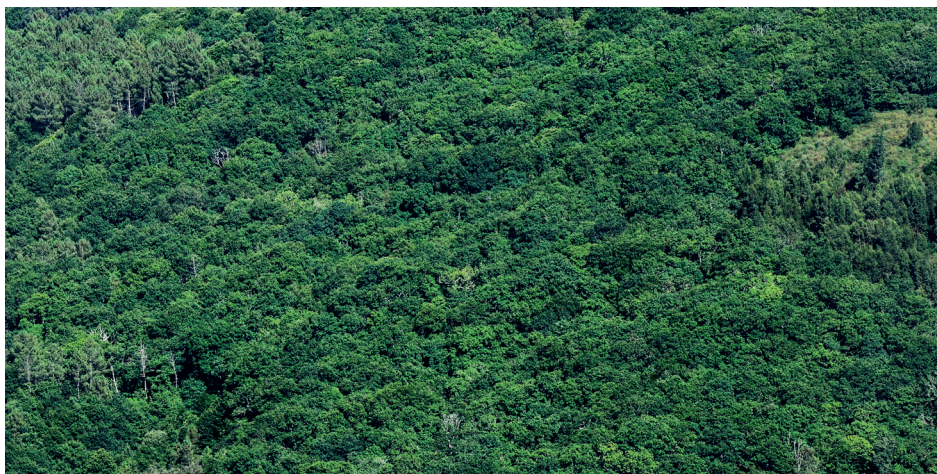


SERRA DA ABOBOREIRA
PATRIMÔNIO NATURAL

FLORESTA E A PAISAGEM FLORESTAL

O pinheiro-bravo, com perto de 10 000 hectares, é a principal espécie representada, ocupando cerca de 50% da área florestal total. O eucalipto surge com grande expressão no contexto florestal regional. Existem pequenos bosques de carvalho dispersos pelo território, mas a sua dimensão é relativamente baixa. Assinala-se, como exceção notável, o Carvalho da Reixela, no concelho de Baião. Os espaços dominados por outras folhosas

correspondem a composições mistas com dominância de folhosas, presentes nomeadamente em galerias ripícolas ou em áreas agrícolas abandonadas, resultantes, quase sempre, de situações espontâneas. Incluem-se igualmente outras espécies menos representadas, como o sobreiro ou o medronheiro, preferencialmente localizadas em encostas com exposição Sul.







SERRA DA ABOBOREIRA
PATRIMÓNIO NATURAL

RECURSOS HÍDRICOS E OS ECOSISTEMAS FLUVIAIS

Os ecossistemas fluviais deste território apresentam muitos habitats aquáticos e ribeirinhos bem conservados ou em franca recuperação.

Sendo zonas particularmente vulneráveis à influência da degradação do meio envolvente, é nos ecossistemas fluviais que algumas espécies de plantas e animais encontram o seu único nicho ecológico. Pela sua configuração linear, estes ecossistemas funcionam igualmente como importantes corredores de passagem para várias espécies. A biodiversidade dos espaços fluviais da área do Baixo Tâmega e a sua distribuição ao longo dos perfis longitudinais e transversais destes sistemas é determinada não só pelas características biofísicas do vale e dos cursos de água, mas também por alterações na naturalidade do habitat e da qualidade físico-química da água, resultantes da ação das populações locais sobre os ecossistemas aquáticos, tanto ao nível geomorfológico como ao nível hídrico.











SERRA DA ABOBOREIRA
PATRIMÓNIO NATURAL

COMO CHEGAR

Vindo do Porto: Na A4, saia em direção a Marco de Canaveses (nº14), siga pela variante à EN 321 e continue pela EN 321-1 em direção à Baião. Ao km 5.2 saia na indicação Centro Hípico de Baião/Centro de BTT.

Vindo de Amarante: Na EN 101, ao Km 151.5, corte à direita em direção à Baião. Ao chegar ao centro da Vila circule pela EN 321-1 e siga a indicação de Centro Hípico de Baião/Centro de BTT.
GPS: 41.165891, -8.049543





ONDE COMER | ONDE DORMIR

Informação completa em:

Posto de Turismo – Amarante

Loja Interativa de Turismo
Largo Conselheiro António Cândido
4600-552 Amarante
Telefone: +351 255 420 246
E-mail: turismo@cm-amarante.pt



Posto de Turismo – Baião

Loja Interativa de Turismo
Rua de Camões, Jardim Dr. José Teixeira da Silva
4640-147 Baião
Telefone: +351 255 006 348
E-mail: turismo@cm-baião.pt



Posto de Turismo – Marco de Canaveses

Loja Interativa de Turismo
Alameda Dr. Miranda da Rocha
4630-219 Marco de Canaveses
Telefone: +351 255 538 800
E-mail: turismo@cm-marco-canaveses.pt





União Europeia

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

